

JUNTOS E MISTURADOS: UMA ANÁLISE DO HIBRIDISMO NA RELIGIOSIDADE METROPOLITANA

Welder Lancieri Marchini¹

Resumo: Muito se contrapõe o rural ao urbano ou o metropolitano ao interiorano. Consequentemente se entende também a religião em contexto de metrópole contrapondo-se aos hipotéticos modelos interioranos. O presente artigo traz resultados alcançados em pesquisa de campo que acompanhou um grupo de catequese de adultos na paróquia Nossa Senhora da Conceição, no bairro Tatuapé, cidade de São Paulo, buscando identificar as relações desses catequizandos com a paróquia e suas estruturas e trabalhos. Mais que uma contraposição, o metropolitano se caracteriza por inúmeras e intensas relações de hibridismos e elementos residuais da religiosidade interiorana e rural que se adaptam à vivência da sociedade metropolitana.

Palavras-chave: hibridismo; cultura residual; metrópole; cristianismo.

Abstract: It's usual to oppose the rural to the urban or the metropolitan to the countryside. Consequently, we also use to understand metropolitan religiosity opposed to the hypothetical hinterland models. This article presents the results achieved during a field research concerning adults of a catechesis group in the parish of Nossa Senhora da Conceição (Tatuapé district, São Paulo), seeking to identify their interactions with the place, its structures and works. More than a contrast, the metropolitan man is characterized by numerous and intense relations of hybridism and residual elements of a rural religiosity adapted to the experience of metropolitan society.

Keywords: hybridism; residual culture; metropolis; Christianity.

Introdução

Numa primeira e superficial aproximação percebemos que há diferenças entre a organização ou a vivência religiosa católica em contexto metropolitano se comparada a um contexto mais interiorano. Mas um estudo mais problematizado nos leva a perceber e mapear tais mudanças e contrastes. Metrópole e interior se caracterizariam por uma oposição? A partir de uma pesquisa de campo realizada na paróquia Nossa Senhora da Conceição (que abreviaremos NSC), do bairro do Tatuapé, cidade de São Paulo, pudemos elencar algumas

¹ Mestre em Ciência da Religião (PUC-SP), welder.marchini@gmail.com

[revista *Último Andar* (ISSN 1980-8305), n. 26, 2015]

características da religiosidade católica em contexto citadino ou metropolitano em comparação à interiorana ou rural. A diferença se dá sobretudo pela exponenciação dos processos de hibridismo presentes em contexto metropolitano e não necessariamente por uma contraposição aos esquemas e vivências interioranas. Para entendermos a paróquia em seus hibridismos faremos uso do conceito acerca dos processos culturais articulado por Néstor Canclini. Assim o hibridismo religioso se dá também como hibridismo cultural. A religião deixa de ser o cadinho onde os processos híbridos acontecem para se tornar um elemento que se soma a esses processos.

Outra característica que aproxima interior e metrópole são os traços residuais. O interior está presente na cidade muito mais que possamos imaginar e essa presença acontece sobretudo pelos resíduos que a metrópole carrega consigo dos tempos de outrora. Resgatar tais traços nos auxilia no entendimento dos processos híbridos. As características residuais presentes na cidade serão entendidas a partir do conceito de Raymond Williams. Há na metrópole muitos elementos culturais que têm suas raízes ainda nos tempos onde os modos de produção e vivência cultural eram sobretudo rurais.

Buscaremos entender os conceitos relacionados ao hibridismo aos dados coletados em pesquisa de campo realizada junto ao grupo de catequese de adultos na paróquia NSC. Também faremos uso de elementos da história oral presente na paróquia, principalmente de informações trazidas por Dona Alminda, moradora da região desde a década de 1950 e nos auxilia no entendimento dos processos culturais presentes no bairro, vista a escassa produção bibliográfica sobre a região.

A paróquia NSC se constitui como ambiente híbrido que traz consigo resíduos da religiosidade interiorana presente na história do bairro ao mesmo tempo em que aumenta as fronteiras culturais com os demais elementos presentes no bairro. A Praça Silvio Romero se apresenta como exemplo palpável desse processo de hibridismo e será objeto final de nosso artigo.

1. Entre o interiorano e a metrópole

Uma das características da religião em contexto de metrópole é a sua aparente contraposição à religião em contexto interiorano, ou rural ou campesino. Mas ao falarmos da relação entre o interiorano e o metropolitano duas distinções conceituais se fazem

importantes. A primeira é a de percebermos esta contraposição puramente no campo conceitual, fazendo uso de abstrações. A segunda, ao nosso entender mais coerente para a análise da situação metropolitana, é a de entendermos que, em contexto histórico, essa distinção se dá somente quando contrapomos uma situação em específico. Assim uma situação só pode ser vista como mais interiorana quando contraposta ao seu equivalente em situação metropolitana. O seu contrário também é verdadeiro e uma situação só pode ser vista como metropolitana quando comparada a uma situação mais interiorana que ela. Assim não haveria um absoluto destas duas situações, mas um gradual que na situação histórica se localiza entre estes dois polos.

Para trabalharmos os conceitos de interior e metrópole, faremos uso de uma reflexão mais literária e descritiva, embasada da obra “O campo e a cidade” de Raymond Williams (2011a). Seu escrito é uma análise da literatura inglesa, mas pode contribuir para nosso trabalho, somado a uma leitura feita a partir dos dados que encontramos em nossa pesquisa de campo. O interior, mais próximo da ideia de rural ou de campo, está associado a uma forma natural de vida, descrita por Williams como um ambiente entendido a partir da ideia de paz, inocência e virtudes simples mas que também se associou à ideia de ignorância, atraso e limitação (2011a, p. 11). O metropolitano, mais próximo do urbano, ou segundo a terminologia de Williams mais próximo do conceito de cidade, associou-se às ideias de centro de realizações da sociedade humana, onde se intensificam as relações, comunicações e também o barulho, a ambição e a mundanidade (2011a, p. 11).

Mas sabemos que essa descrição, se desconexa da história, se torna pouco instrumentalizável. Dificilmente nos depararemos com situações que sejam exemplos claros e distintos de realidades interioranas ou metropolitanas. Um exemplo assim seria estereotipado. Historicamente, esses modelos se apresentam num gradual que se hibridizam não só entre os próprios polos de rural e urbano, campesino e citadino, interiorano e metropolitano, mas se hibridizam também com outros elementos culturais. Para entendermos essa relação entre o interiorano e o metropolitano, que estão historicamente contextualizados, devemos nos ater também aos fatores culturais e econômicos.

Percebemos que o Tatuapé traz muito do metropolitano em suas características que estão relacionadas ao seu fácil acesso ao metrô, sua localização, as indústrias que fazem parte da vida de seus habitantes fazendo com que troquem produção por prestação de serviço entre outras de suas características. Mas ao mesmo tempo o bairro traz características residuais de uma realidade interiorana e seus habitantes se sentem atraídos por esse modelo de vida, que no modo de entender deles, diferencia o bairro do contexto metropolitano como um todo.

Ao descrever as formas históricas de organização do campo e da cidade, Raymond Williams diz que ela é

(...) surpreendentemente variada. A “forma de vida campestre” engloba as mais diversas práticas – de caçadores, pastores, fazendeiros e empresários agroindustriais –, e sua organização varia da tribo ao feudo, do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifúndios e *plantations* [grifo do autor] às grandes empresas agroindustriais capitalistas e fazendas estatais. Também a cidade aparece sob numerosas formas: capital do Estado, centro administrativo, centro religioso, centro comercial, porto a armazém, base militar, polo industrial. (2011a, pp. 11-12)

E ao falar sobre a relação existente entre essas situações diz que, “o que há em comum entre as cidades antigas e medievais e as metrópoles e conurbações modernas é o nome e, em parte, a função – mas não há em absoluto uma relação de identidade” (2011a, p. 12).

Poderemos entender melhor a dinâmica entre o interiorano e o metropolitano existente no bairro do Tatuapé se olharmos para estas mudanças com olhar sincrônico. Estas características – interioranas e metropolitanas – se misturam fazendo com que o Tatuapé se constitua como um momento histórico e não como uma consequência linear de uma história pré-programada ou de um projeto de modernidade que foi colocado em prática sem maiores participações dos sujeitos históricos. Para tanto voltaremos aos dados encontrados na pesquisa de campo buscando identificar e analisar as características dominantes, aquelas que identificam as estruturas da paróquia NSC, suas características residuais, aquelas que apontam para um passado interiorano e rural, e suas características emergentes, aquilo que é criado a partir da relação atribuindo novos significados à religião em contexto de metrópole (WILLIAMS, 2011b, pp. 56-57; 1979, pp. 124-129).

Nas entrevistas que fizemos com os participantes da catequese permanente, encontramos Vinícius² que nos trouxe as experiências paroquiais de sua infância e adolescência como referências para sua opinião sobre o trabalho da paróquia NSC. O jovem é proveniente da cidade de Iaras, no interior de São Paulo e em suas falas compara a paróquia interiorana com a presente no Tatuapé. Tomando as falas do próprio Vinícius podemos entender como elas se constituem. Ele se muda para São Paulo aproximadamente aos 18 anos de idade. Traz as tensões inerentes a uma mudança de uma cidade de aproximadamente 7 mil habitantes para uma metrópole como São Paulo.

Além das questões relacionadas ao trânsito e aos congestionamentos de carros, Vinícius traz a questão do relacionamento entre os moradores. Ele se incomoda com a falta de cordialidade dos habitantes da metrópole. Segundo diz, “no interior, a pessoa nunca te viu

² Os nomes dos entrevistados são fictícios conforme orienta o Comitê de Ética e Pesquisa.

mas ela diz ‘Oi, tudo bem?’”. Mas na metrópole elas se encontram tomadas pela correria do dia-a-dia. As falas de Vinícius se remetem ao interior como lugar privilegiado para se viver, mesmo que perceba que a cidade de São Paulo lhe ofereça melhores condições de trabalho e consequentemente de vida. Mas ao mesmo tempo ele parece buscar na metrópole alguns elementos que o remetam ao seu passado no interior. Para ele tudo é melhor ou pior, mas sempre em relação ao interior.

Esse novo modo de se constituir da cidade influenciará no acontecimento das atividades paroquiais. Segundo o próprio Vinícius, no interior, a vivência da religião recebe contornos de convivência entre os moradores. Diz ele que sua vida era bastante religiosa, “Até porque não tinha muito que fazer lá”. Já na cidade de São Paulo a gama de atividades alternativas às religiosas é maior. *Shoppings*, barzinhos e outras atividades são trazidos pelo casal Vinícius e Clara como possibilidades de lazer. A igreja que no interior é vista pelos fiéis como a atividade dominical que possibilita uma forma de lazer, em São Paulo não consegue concorrer com um universo de entretenimento que se torna cada vez mais profissional.

As praças que nas cidades do interior possibilitam aos seus moradores um ambiente de encontro e convivência, na metrópole dão lugar aos *shoppings*, seja pelos altos índices de violência, seja pelo conforto e acessibilidade prometida pelos grandes complexos comerciais que contam com estacionamento e os mais variados serviços. Seja a praça da matriz com a banda de música que toca depois da missa dominical onde as crianças brincam e comem pipoca, seja a praça de alimentação onde os frequentadores ouvem um cantor com seu violão e suas crianças brincam nos parques entre uma bocada e outra em seu *Mc lanche feliz* que vem com um brinquedo, se constituem como ágoras que possibilitam o encontro entre os moradores, cada qual dentro de suas possibilidades. Assim Vinícius diz sobre as pessoas residentes na capital paulista, que elas “são meio caseiras. Não são muito de sair. Mas dá pra perceber que elas se encontram nos shoppings”.

Constitui-se numa postura equivocada analisarmos as sociedades interioranas e metropolitanas – e consequentemente seus modelos paroquiais – tomando-as como antagônicas ou contraditórias. Elas se constituem cada qual a partir da tentativa de se adaptar ao *ethos* de sua sociedade. O casal escolheu o bairro do Tatuapé para morar pois, segundo eles, “lembra bastante as cidades grandes do interior”.

Mas constituiria num mesmo erro acreditarmos que, então, elas se constituem como realidades organizacionais equivalentes ou idênticas. Sua diferença se constitui na medida em que a situação metropolitana apresenta uma quantidade numericamente mais expressiva de elementos culturais, aumentando exacerbadamente o hibridismo que se estabelece entre estas

relações. Conseqüentemente, o fator interiorano permanece como elemento cultural residual na maneira de se constituir da religiosidade de Vinícius (WILLIAMS, 2011b, p. 56).

2. Uma paróquia com elementos residuais da vivência rural

Os elementos residuais presentes na metrópole se evidenciam quando Vinícius compara os processos catequéticos ou quando ele demonstra um estereótipo da figura do padre. Ao falar de como a Igreja trabalha as questões voltadas à sexualidade, ele diz que no interior trabalhavam na perspectiva das normas, mas que acontecia na catequese e era, segundo seus termos, “algo mais reservado”. Podemos ler esse reservado como algo “velado” ou como um tabu. A religião se constitui também através das normas que todos os habitantes sabem ou como um organizador social reconhecido pelos habitantes, mesmo que eles desobedeçam a essas normas. Assim todos sabem que o sexo antes do casamento é proibido, mas ao mesmo tempo um pai pode não hesitar em levar o seu filho a uma casa onde se vivem os prazeres carnavais para que ele “passe a ser homem”.

Por outro lado, a paróquia em contexto de metrópole parece falar do sexo. O próprio Vinícius diz que “Aqui [na paróquia NSC] eu achei legal o padre falando que [o sexo] não é um bicho de sete cabeças. Tem que ser comentado mesmo porque é uma coisa atual”. Mas também não significa que o sexo tenha deixado de ser tabu nem vivido de maneira menos clandestina por parte de seus fiéis. Mesmo que se fale das questões relacionadas à vida sexual, isso não implica numa adequação daquilo que é vivido. As pessoas continuam com a possibilidade de uma vida dissociada da doutrina católica.

Vinícius também traz consigo traços residuais da religião interiorana ao retratar as diferenças entre o padre de sua cidade natal e o padre da paróquia NSC. O padre de sua infância é descrito como alguém que se coloca predominantemente como representante da instituição religiosa. Sua participação parece não adentrar na vida cotidiana e familiar, sendo os catequistas mais próximos que ele. Isso fica mais claro quando Vinícius fala do pároco da paróquia NSC num tom bastante descontraído “Às vezes a gente olha pra ele e pensa, mas ele é padre mesmo?”. Parece estar presente em sua fala a comparação com o padre do interior. O questionamento de se ele é padre mesmo está no fato de ele ser diferente da imagem residual que ele traz consigo. Descrevendo suas missas como “legal” e “gostosa de ouvir”, Vinícius ressalta a imagem do padre paulistano como alguém próximo de seu cotidiano e que, ao

mesmo tempo em que contrasta com a figura do padre do interior, o remete a uma vivência religiosa de abrange seu cotidiano e suas relações.

A relação entre o interior e a metrópole também se dá por questões econômicas. Enquanto no ambiente rural a população vive de sua própria produção, a cidade vive da produção das cidades de seu entorno (WILLIAMS, 2011a, p. 88) e até com cidades do outro lado do planeta. Mas trataremos dos aspectos da globalização adiante. Aqui voltamos a enfatizar que estas distinções são conceituais e na prática encontramos uma graduação e um processo de hibridização que faz com que pequenas cidades tragam características campesinas, mas seus habitantes comprem produtos que não conseguem ou acreditam não ser viáveis de se produzirem. Nestas cidades encontramos famílias que criam animais no quintal de casa, mas compram o arroz ou o macarrão nos supermercados. Práticas semelhantes encontramos no Tatuapé da primeira metade do século XX. As famílias viviam de suas pequenas produções que eram complementadas pelos produtos encontramos nas vendas da região. Estes comerciantes ofereciam aquilo que não era produzido pelos habitantes do bairro.

Não é raro encontrarmos dentre aqueles que participam da paróquia NSC pessoas que vieram do interior ou que estabeleceram em algum momento da vida relação com estas cidades. Como já vimos o caso do próprio Vinícius, mas também de sua noiva Clara que tem familiares no sul do país numa situação, segundo eles, mais interiorana. Isaura viveu um tempo em São Carlos, cidade localizada no interior do estado de São Paulo e que, apesar de se estabelecer como cidade polo da região, traz consigo características bem interioranas.

Mas mesmo entre os participantes que não fazem parte da catequese permanente e que não foram entrevistados não é difícil encontrar quem tenha relação com cidades interioranas, seja por sua origem familiar, seja por lazer ou por trabalho. Dona Alminda nos serve de referência ao nos retratar sua vinda da Bahia, na década de 1960, para visitar seus irmãos que aqui moravam e trabalhavam. Em ocasião da visita decide morar em São Paulo. Análoga à situação vivida por Dona Alminda existem inúmeros nordestinos e demais migrantes que formam a população de São Paulo³.

Pensar na relação entre metrópole e interior de forma paradoxal não condiz com aquilo que encontramos em nossa pesquisa de campo. Se olharmos na perspectiva dos indivíduos eles se colocam em constante relação com os dois modelos levando elementos de um para o outro. Assim vemos quando se abre um restaurante de comida caipira num shopping da cidade

³ A história de São Paulo se identifica, principalmente na segunda metade do século XX, com a migração nordestina. Sobre a construção da identidade dos migrantes nordestinos no contexto metropolitano, ver Selma Santos Borges (2007).

ou quando as pessoas buscam apresentações culturais ou gastronômicas tipicamente interioranas que constantemente são oferecidas na metrópole paulistana.

Também as relações de paradoxo presentes no bairro do Tatuapé podem ser lidas na dinâmica residual e sua relação com as estruturas. Ser um dos últimos bairros da região a se industrializar mantendo sua cultura agropecuária, sustentar seus pequenos comércios que faziam uso das cadernetas contrapondo-se às redes que surgiam na região central e que posteriormente trabalharão com crediários, podem ser lidos na perspectiva de resíduos que são incorporados pela estrutura social (WILLIAMS, 2011b., p. 56). Também a religião encontrará aspectos residuais da vivência religiosa da primeira metade do século XX como a forte presença do Apostolado da Oração, que parece ter ocupado o espaço das irmandades e a própria devoção a Nossa Senhora da Conceição que se manteve.

3. A metrópole e seus processos híbridos

Numa outra perspectiva olhamos para a relação entre os modelos citadinos – interiorano e metropolitano – a partir das estruturas. E neste caso é necessário nos utilizarmos de conceitos puros (BURKE, 2003, p. 14). Eles existem apenas no campo da abstração e têm função mais pedagógica, sendo necessários para que entendamos, neste caso, que existem sim diferenças entre a metrópole e o interior, mas que na prática estas realidades vivem constante processo de hibridização (CANCLINI, 2013, p. XIX).

Essa relação dos moradores metropolitanos com as realidades interioranas influencia no modo como elas vivenciam a religião em contexto de metrópole. Alguns elementos da religiosidade interiorana são trazidos para a metrópole e não é difícil encontrar grupos de Apostolado da Oração que contam com inúmeras idosas mas que muitas vezes trazem a presença de algum jovem.

Visto que tratamos de realidades que, apesar de se diferenciarem, trazem consigo aspectos relacionais a que assumimos a cidade como ambiente de constantes e múltiplos processos de hibridização, falaremos de como a paróquia NSC e principalmente os participantes da catequese de adultos se relacionam com o contexto metropolitano.

No contato com nossos entrevistados e com os outros integrantes da catequese permanente⁴ percebemos que o fato de estarem na cidade de São Paulo modifica em muito a

⁴ No decorrer de nossa pesquisa acompanhamos por um período de três meses os encontros de catequese permanente e posteriormente entrevistamos alguns de seus participantes.

percepção que eles têm da vida cotidiana e, conseqüentemente, do modo como se relacionam com a religião. Procuraremos falar destas características apontadas por eles com a intenção de entendermos as variações da vivência do cristianismo católico paroquial em contexto de metrópole.

A primeira característica apontada pelos entrevistados foi a questão da locomoção. Ocupa-se muito tempo locomovendo-se de um lugar para o outro e isso faz com que os translados sejam programados de modo a otimizar o tempo. Dos nossos cinco entrevistados, apenas Angelina é dona de casa e por isso demonstra menos essa dinâmica de locomoção que marca a vida metropolitana. Os outros quatro entrevistados, Clara, Vinícius, Isaura e Júlia, mostraram de alguma forma, em suas entrevistas, que esse contexto traz alguma influência em suas vidas. Traremos quais são essas influências para depois vermos como elas modificam sua relação com a religião.

Isaura mora na região de Itaquera, trabalha na Penha e leva a filha na escola de inglês no Tatuapé. Usa carro e diz que o transporte público, além de ser inviável pelo excesso de usuários, não facilita seu acesso ao trabalho. Diz ela: “Da minha casa pra ir pra Penha eu teria que usar três conduções. Então com o carro fica mais fácil.” Sua vida se estende pela Zona Leste e não apenas à região de Itaquera. A participação na paróquia NSC entra como mais um afazer em seu cotidiano. Não se trata apenas de uma questão de desejo, mas não se torna viável que ela vá até a paróquia pelo próprio ritmo de vida que a cidade lhe impõe. Dentre as atividades que preenchem seu calendário semanal, as na paróquia ocupam o sábado, possibilitando que no mesmo período de tempo a filha participe da catequese de primeira eucaristia, visto que antes participou da aula de inglês nas proximidades da igreja, enquanto Isaura e sua mãe participam da catequese permanente. Após as respectivas participações nos encontros de catequese, elas participam da missa.

Vinícius mora no Tatuapé mas trabalha na região do Paraíso. Locomove-se de metrô em horário de pico em que os trens costumam estar bastante cheios, seja na parte da manhã direção bairro-centro ou na parte da tarde na direção oposta. Escolheu morar no bairro do Tatuapé para ficar perto da família, não da sua mas da família de sua noiva, que constitui sua rede de relações na cidade de São Paulo. Vinícius reclama do ritmo de vida e de como as pessoas se influenciam negativamente pelo trânsito e pelo grande fluxo de pessoas que a cidade apresenta. Mas em meio a tantos contrastes diz que gosta do Tatuapé por lembrar as cidades grandes do interior. Sua noiva Clara pouco sai do bairro, mas isso não impede que ela sinta os efeitos de uma nova configuração de tempo e espaço. Reclama do trânsito e diz que prefere os ônibus ao metrô por aqueles serem mais vazios. Mas opta mesmo é por ir para o

trabalho andando. Segundo ela, é mais rápido que de transporte coletivo. Para economizar tempo ambos procuram fazer tudo o que podem no bairro. Clara diz que nele encontra aquilo que precisa. Diz ela que o bairro “tem tudo. Eu acho tão prático. A gente não tem carro ainda. Mas eu tenho dois shoppings, eu tenho supermercado, eu tenho a igreja, tem tudo aqui na volta. Tem barzinhos, tem tudo.”. O transporte acessível ou o fato de não precisar dele faz diferença para os habitantes que vivem em São Paulo. Não ter carro significa necessitar morar perto de lugares onde o transporte coletivo é acessível ou, como é o caso de Clara, restringir suas atividades ao bairro.

Na metrópole a religião perde força de fator organizador da sociedade e ganha perspectiva de mais um elemento na constituição da rotina de seus habitantes. Clara engloba a igreja na categoria dos comércios de prestação de serviço como *shoppings*, barzinhos e supermercados. A religião é responsável por suprir uma necessidade humana que se equipara às diversas necessidades como comer, vestir ou se divertir.

A mesma perspectiva de Clara é apresentada por Júlia que prefere fazer tudo o quanto for possível perto de sua casa para não precisar sair do bairro. Funcionária pública, Júlia trabalha numa escola que se localiza no bairro do Tatuapé. Sua família mora numa casa alugada no bairro que, no período de nossa entrevista, foi pedida pelo proprietário. Júlia relatou a dificuldade de conseguir outra casa e que seria difícil se adaptar à mudança a outro bairro, visto que mora no Tatuapé desde sua infância. Retrata que viu, ao longo dos últimos anos, as casas se transformando em comércio ou sendo demolidas para a construção de prédios e que esse seria o motivo pelo qual diminuiu o número de casas disponíveis para aluguel no bairro.

Ao trabalho, Júlia vai caminhando. Mas valoriza a presença do metrô no bairro como forma de acesso às outras regiões da cidade. Sua identificação com o Tatuapé se estende à identificação com suas paróquias. Ao falar da procura pela catequese para receber o sacramento da crisma, Júlia disse ter buscado primeiramente uma outra paróquia e não a NSC. A dinâmica da cidade faz com que ela busque atividades religiosas – como a cristoteca⁵ – em outras regiões, como o Itaim Paulista. A religião vivenciada por Júlia assume característica de evento. Ela busca participar de atividades que lhe agradem, seja pela linguagem carismática, seja pelo estilo gospel de suas músicas. Mas ao mesmo tempo Júlia mostra um grande apreço

⁵ A cristoteca é um evento católico que cresce na aceitação da população jovem e adolescente. Trazendo consigo características pentecostais como pregações e orações efusivas além de adorações ao Santíssimo Sacramento (a hóstia consagrada) e missas. Depois os jovens ouvem bandas no estilo gospel que junto das músicas também fazem suas pregações. Ver Luzia Maria de Oliveira Sena (2011).

pelo bairro e pela paróquia NSC buscando participar de suas atividades e missas, mesmo que elas não tenham um estilo musical gospel.

O ritmo de vida imposto pela metrópole faz com que as pessoas busquem otimizar o uso do tempo. Ao sair de casa é preciso fazer o máximo de atividades possível pois, a cada saída, perde-se muito tempo, visto que as distâncias a serem percorridas são longas e o acesso nem sempre é tão fácil. Assim, ao sair do trabalho, o cidadão metropolitano aproveita e passa no supermercado ou na padaria e compra o pão para o café da manhã do dia seguinte. Neste contexto a religião obedece às mesmas características. Ela se torna mais uma das tantas prestadoras de serviço que fazem parte da vida do habitante metropolitano. O serviço religioso busca se tornar viável seja obedecendo a horários alternativos, seja se posicionando em lugares estratégicos que se tornem parte do caminho de seus fiéis.

Essa tentativa por parte de seus habitantes de transformar o Tatuapé numa espécie de oásis em meio ao frenético ritmo de vida imposto pela metrópole paulistana é trazido mais por aqueles que, ou viveram em cidades do interior e trazem experiências de contato com estas cidades, como é o caso de Clara e Vinícius, ou por aqueles que vivem lembranças dos tempos em que o Tatuapé, em contraposição aos outros bairros da região, não obedecia ao ritmo de crescimento ditado pela capital paulistana que acontecerá apenas no final do século XX. Fazem parte deste grupo Júlia que, apesar da pouca idade, traz uma forte identificação com o bairro numa construção influenciada pelas experiências familiares que aconteceram no bairro. O desejo de ser um espaço interiorano no contexto de metrópole pode ser lido como característica residual do século XX que foi incorporado pela estrutura metropolitana, que busca construir espaços alternativos ao ritmo de vida frenético que são bem aceitos e até disputados por aqueles que não querem morar em lugares movimentados. Assim surgem bairros como o Anália Franco, próximo ao Tatuapé – e por muitos denominado como Tatuapé –, e que é concebido como um bairro de alta qualidade de vida por estar um pouco distante deste ambiente visto como caótico.

Localizada na praça Silvio Romero, lugar de fácil acesso para os habitantes do Tatuapé, a igreja NSC busca organizar horários alternativos de missas para que seus fiéis possam participar. Nas quintas-feiras, a igreja oferece missa às 12h00, horário pouco provável nas cidades rurais ou interioranos onde o povo está almoçando, mas cada vez mais comuns nas grandes cidades do interior e na capital paulista. Esse horário de missa tem o objetivo de atender o povo que trabalha no comércio local e que está em seu horário de almoço. É uma missa que conta com poucos membros efetivos da paróquia e que é frequentada por um

público flutuante. Nem sempre as pessoas voltam a participar destas missas e ela não conta com um público cativo, característica mais comum nas missas de horário convencional.

Estar na metrópole faz com que a relação da paróquia NSC com seus membros assuma características próprias. Sua proximidade de um centro comercial e administrativo e o fato de se localizar perto de uma estação do metrô são as duas principais características que aparecem em nossa pesquisa de campo. Assim a paróquia transcende suas adjacências, sem, no entanto, estar alheia a elas ou ignorá-las. Seus fiéis se aproximam da paróquia ou do bairro seja pela dinâmica metropolitana, seja pela identificação o local, ou até mesmo pela opção de limitar ao máximo a vida cotidiana a um espaço restrito para evitar o desconforto da locomoção marcada pelos congestionamentos quando enfrentadas dentro dos carros ou a superlotação dos trens e metrô que, nos horários de maior fluxo, são comuns para quem se desloca para ou da Zona Leste.

Os entrevistados relataram problemas com o trânsito da cidade e o ritmo de vida muitas vezes caótico. As ideias são um tanto heterogêneas. Isaura, que mora na região de Itaquera, trabalha na região da Penha e participa na paróquia no Tatuapé, optou pelo uso do carro por acreditar que o transporte público é ineficiente. Além de necessitar de vários ônibus para chegar ao trabalho, a demora seria menor com uso do carro como meio de locomoção. O metrô é utilizado apenas para ir à região da Sé, tanto por ela quanto por sua mãe Angelina. Já Júlia trabalha no mesmo bairro em que mora e procura organizar sua vida cotidiana a buscar sair o menos possível do bairro. Ela diz que os centros de comércio popular (como a região da 25 de março ou o Brás) não são tão vantajosos quanto parecem e prefere fazer compras pelo bairro do Tatuapé, o que facilita sua vida. Clara também trabalha no bairro do Tatuapé e acredita que leva menos tempo para chegar ao trabalho se o deslocamento acontecer a pé. Segundo ela, de carro ou de ônibus levaria o dobro do tempo. Seu namorado Vinícius mora no Tatuapé mais trabalha na região do Paraíso. Seu traslado é feito pelo metrô em horário de fluxo. Ele relatou grande desconforto, tanto com o transporte como com a vida metropolitana.

Mas o casal não relata apenas as questões relacionadas ao trânsito, mas falam também das questões relativas a um estilo de vida paulistana. Segundo Vinícius, as pessoas que vivem em São Paulo são bastante diferentes das que vivem no interior. São menos sensíveis e mais egoístas. Segundo ele, “no interior, a pessoa nunca te viu mas ela diz oi, tudo bem?”. Já sua namorada diz que a vida em São Paulo é bastante estressante afirmando sua vontade de se mudar da cidade. Também diz que as pessoas são egoístas e acredita que o trânsito é o maior exemplo disso quando diz que as pessoas pensam, “dane-se se você está atrasado, eu tô mais”. Segundo ela, o ritmo de vida da cidade de São Paulo faz com que as pessoas percam a

capacidade de se relacionar e conseqüentemente elas perdem a capacidade de empatia. O Tatuapé foi escolhido pelo jovem Vinícius para viver por trazer consigo características ainda interioranas.

A paróquia NSC está inserida neste contexto metropolitano e é inegável as influências deste contexto no modo de se constituir da religião vivida por seus frequentadores. As distâncias percorridas e o tempo ocupado no traslado entre a casa e o trabalho fazem com que o cidadão metropolitano busque facilitar seu cotidiano de modo a aproveitar melhor o tempo que lhe sobra. Muitas vezes a atividade religiosa acontece na ida ou na volta do trabalho ou de algum outro afazer, como é o caso de Isaura, que levando a filha às aulas de inglês, que acontecem no sábado pela tarde próximo à igreja NSC, aproveita para levar a filha à catequese e ela própria, junto com sua mãe, participa da catequese permanente. O cidadão metropolitano busca otimizar seu tempo juntando várias atividades que acontecem num mesmo decurso. Mas outras características marcarão a religião vivida em contexto de metrópole. Muitas delas são influenciadas pelo ritmo de vida que é imposto ao morador metropolitano.

Percebemos na paróquia NSC uma crescente desterritorialização da pertença paroquial. Isso não significa que seus participantes não morem no bairro. Eles são a maioria e estão longe de acabar. Mas é crescente e evidente que pertencer a um território não é condição básica para o pertencimento paroquial. As grandes distâncias a serem percorridas fazem com que os habitantes aumentem sua percepção acerca das possibilidades que a cidade lhes oferece, inclusive das possibilidades religiosas. Isso fica mais evidente quando Isaura e Angelina percebem que há uma paróquia – NSC – fora do território onde elas residem – região de Itaquera – e decidem participar desta nova paróquia. A dinâmica metropolitana também faz com que a religião receba contornos de evento. É possível participar e crer sem pertencer. Aqueles que vivem um movimento inverso vivem na paróquia como se ela fosse um oásis em meio ao deserto que representa a cidade grande. Alan Touraine compara esse movimento de fechamento e negação da realidade social que cerca os grupos sociais a um comunitarismo (2003, pp. 195-199). É inegável que a comunidade paroquial e o indivíduo religioso estão envoltos da dinâmica metropolitana e algumas destas características começam a se hibridizar com a vivência religiosa. O espaço geográfico no qual está inserida a igreja NSC se torna exemplo dos processos de hibridismo pelos quais a paróquia passa. Falaremos no item que se segue de como o templo católico presente na praça Silvio Romero dialoga com seu entorno.

4 A hibridização do espaço geográfico

A igreja NSC fica localizada na praça Silvio Romero, que se tornou um centro por onde passam as ruas mais importantes do bairro. Dentre suas ruas, há a Tuiuti, que concentra grande número de comércio e faz a ligação entre a praça e a estação de metrô do bairro. A praça nos ajuda a entender qual é o papel da religião na vida dos moradores do bairro do Tatuapé e de como a igreja em contexto de metrópole assume cada vez mais a característica de um serviço prestado ou de uma atividade dentre as outras e não mais como instância organizadora da vida seja do indivíduo, seja da sociedade. A igreja fica na praça Silvio Romero e foi construída num processo de envolvimento comunitário e imbrólios políticos. A praça é frondosa (Figura 01) e conforme o bairro foi se urbanizando e ganhando edifícios, sejam eles comerciais e residenciais, a praça foi se valorizando como espaço verde em meio a todo o movimento de pessoas no bairro. Sendo o bairro um centro comercial e administrativo, a praça ganha ares de área de descanso. Entre um afazer e outro ou no final deles, os transeuntes param na praça Silvio Romero e debaixo da sombra de suas árvores descansam até retomarem as forças para voltarem às suas casas.

Estando a igreja na praça Silvio Romero, também ela é valorizada. Ao estarem na praça as pessoas podem fazer uso do espaço da igreja por inúmeros motivos, seja pela simples curiosidade de conhecê-la, pela necessidade de fazer uma oração, para participar da missa ou para descansar em seu bancos. Igreja e praça fazem parte da vida metropolitana do bairro do Tatuapé. Mas a praça passa a ser um dos ambientes mais híbridos que encontramos neste bairro em contexto de metrópole. Ela não conta somente com a igreja. Às terças-feiras encontramos uma feira de artesanato que acontece defronte à igreja (Figura 02). Nos sábados e domingos encontramos vários pontos de comércio ambulantes vendendo lanches e outras comidas (Figura 03). Nos finais de semana, a praça se transforma num ponto de encontro da juventude. Ela é frequentada por um grande número de jovens que passam a noite muitas vezes com uso de drogas, música e muita conversa. Há os frequentadores mais rotineiros da praça Silvio Romero. Muitos deles são idosos que sentam nos bancos da praça para jogar dominó ou baralho e lá estão quase todos os dias (Figura 04). Temos também outros tipos de serviço como um posto da polícia militar, vários pontos de comércio e pontos de ônibus, táxi e três bancas de jornal além de comércios que se situam na praça e no seu entorno.

Figura 01: Praça Silvio Romero e igreja NSC



Fonte: do autor.

Figura 02: Feira de produtos artesanais



Fonte: do autor.

Figura 03: Comércio de lanches.



Fonte: do autor.

Figura 04: Jogando dominó / baralho



Fonte: do autor.

Não podemos desconsiderar também que a praça é cercada por ruas de comércio. Eles estão defronte à praça e se comunicam visualmente com o ambiente. Exemplo disso é que se alguém está sentado nos bancos que existem em frente à igreja, sua visão se direciona para uma loja de famosa rede de lanches, ou para uma agência de banco, ou ainda para uma loja de eletrodomésticos e eletroeletrônicos.

A praça oferece uma gama de serviços que faz com que ela seja frequentada por todos os tipos de pessoas. A igreja se torna mais um destes serviços prestados. Temos o exemplo de Isaura, participante da catequese de adultos que disse haver conhecido a igreja ao passear pelo bairro enquanto esperava sua filha que frequentava as aulas de inglês.

Os vários elementos constitutivos da praça Silvio Romero exacerbam seus processos de hibridização. É impossível pensar que uma igreja neste contexto não se modifique. E ela se modifica considerando esses novos públicos. Exacerbam-se também as margens entre os elementos religiosos e os outros elementos presentes na praça. O crescimento urbano intensifica os processos de hibridização cultural (CANCLINI, p. 285). A paróquia aumenta suas fronteiras⁶ com os elementos urbanos e conseqüentemente aumenta seus processos de hibridização.

É como fruto deste processo de hibridização que a paróquia busca oferecer um serviço que atenda às necessidades de pessoas como, por exemplo, Isaura. Outros grupos também são inseridos neste processo. Conversando com lideranças da paróquia percebemos a preocupação de atender os jovens que ficam durante todo o dia na praça. Há vários colégios e entre as aulas e outros afazeres a praça se transforma num local de encontro entre eles. Mas também há grupos que não conseguem ser inseridos, como o dos jovens que frequentam o espaço da praça nos sábados pela noite. Os organismos paroquiais ou não estão preparados ou parecem não querer acolher este perfil de pessoas em seus trabalhos. Diante de um espaço dividido, ainda que hibridizado, a paróquia NSC parece se fechar como num gueto ou numa tentativa de negar esse processo que transforma tanto o bairro como a ela mesma. Ou mesmo que queira dialogar com os outros grupos e culturas presentes na praça, muitas vezes se sente incapaz de trazer instrumentos e articular e formar suas lideranças para que isso aconteça.

A relação entre a paróquia NSC e a praça Silvio Romero transcendem a relação com aqueles que fazem sua vida na praça. Conforme dissemos anteriormente, o terreno onde está a praça e a igreja foi doação do Tenente Luís Americano que aconteceu no ano de 1890. Juridicamente a praça pertence à paróquia. Mas processualmente, a paróquia foi perdendo o

⁶ O termo “zona de contato” busca ser uma alternativa à ideia de fronteira, que muitas vezes pode ser utilizado na ótica do território. Ver Mary L. Pratt. 1999. pp. 31-32.

poder sobre o território, que passa a ser utilizado pelos transeuntes, mesmo que sob a presença imponente do templo católico. Essa nova relação com o território faz com que as pessoas que frequentam a praça não tenham necessariamente relação com o templo e a paróquia e as pessoas que frequentam a paróquia não sintam a praça como um espaço seu.

A praça nos leva a pensar também um hibridismo religioso, ou inter-religioso, apesar de ele ser apenas visual. Nem as entrevistas nem as observações nos trouxeram elementos a serem analisados sobre a relação da paróquia NSC e dos participantes da catequese de adultos com outras religiões ou igrejas. Contudo na feira de artesanatos, que acontece defronte a igreja nas terças-feiras, há uma barraca de tarô (Figura 06) e na Rua Serra de Bragança, que fica ao lado da igreja NSC, há um templo da IURD (Figura 07). Não muito distante do Tatuapé fica o Templo de Salomão, construído pela mesma igreja.

No mundo metropolitano as práticas culturais se convertem em atuações (CANCLINI, p. 350). Assim também a paróquia NSC consegue se relacionar com as culturas presentes no bairro do Tatuapé e no contexto metropolitano não a partir de sua constituição eclesial ou jurídica, mas de sua atuação e performance. Essa atuação pode ser entendida como a capacidade que a paróquia apresenta de transformar suas atividades em evento. Quanto mais eventual são os trabalhos e atividades pastorais maior é a capacidade de atrair novos adeptos e atender as necessidades das pessoas.

Figura 06: Barraca de Tarô



Fonte: do autor.

Figura 07: IURD Tatuapé.



Fonte: do autor.

Considerações finais

A academia e suas pesquisas não podem prescindir do campo como pressuposto para a construção de suas ideias e teorias. Um olhar mais aproximado das vivências religiosas metropolitanas nos mostrou que uma contraposição com o rural ou interiorano, que seria hipótese aceitável para qualquer pesquisa, acontece muito mais como aproximação. Os processos híbridos e os elementos residuais se mostram eficazes instrumentos metodológicos para deciframos a religião metropolitana. Há limites em nossa pesquisa. Ela se ancorou num bairro relativamente central da cidade de São Paulo. Talvez a periferia mais extrema traga novos elementos para a análise. Também nos atemos ao cristianismo católico. Sair desse ambiente se faz necessário para um mapeamento mais completo do ambiente metropolitano que se mostra sobretudo por ser complexo e multifacetado.

Referências

BORGES, Selma Santos. *O nordestino em São Paulo: desconstrução e reconstrução de uma identidade*. (Mestrado em História Social). PUC SP, 2007.

[revista *Último Andar* (ISSN 1980-8305), n. 26, 2015]

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006. (Ensaio Latino-americanos, 1)

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SENA, Luzia Maria de Oliveira. *Dançando para Deus: música e dança a serviço da fé nas cristotecas católicas*. (Mestrado em Ciências da Religião) São Paulo: PUC-SP, 2011.

TOURAINE, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Tradução de Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011b.

_____. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das letras, 2011a. (Edição de bolso)